

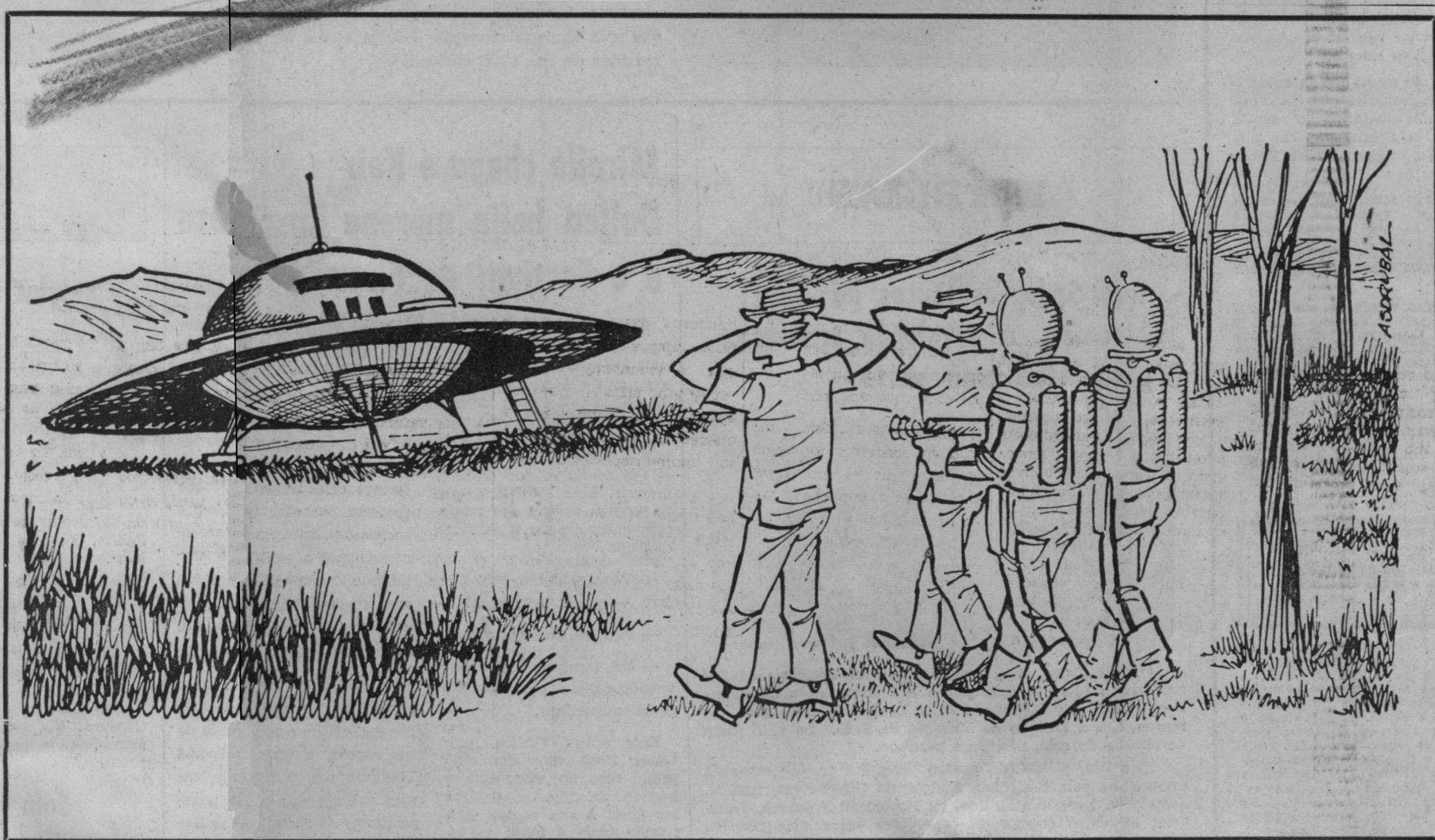
22 MAR 1969

Dizem que um disco-voador baixou em Ibiuna e seus tripulantes raptaram um casal. As primeiras informações vieram pelo telefone, ontem de madrugada, logo aquela cidade ficou cheia de jornalistas e curiosos. Não foi confirmado o rapto, a Polícia não sabe de nada e muita gente goza a situação.

Mas, existem advogados, médicos e outras pessoas influentes em Ibiuna que falam de estranhos fenômenos, citando o caso de duas bolas luminosas que diariamente percorrem o céu, sobre a cidade, despertando curiosidade e temor nos moradores. Os boatos e os testemunhos estão aqui.

22 MAR 1969

AGORA É EM IBIUNA QUE DISCOS RAPTAM PESSOAS



Foi uma madrugada calma, a de ontem. Alguns repórteres estavam cochilando na Sala de Imprensa da Central de Polícia, outros jogavam buraco numa mesa de canto. Os restantes conversavam, em voz baixa, para não atrapalhar. Nada de crimes de morte, nem assaltos ou ocorrências que valessem o esforço de uma cobertura.

Perto das duas horas, o telefone tocou, todos pularam em suas cadeiras. Poderia estar ali, naquele chamado, o grande caso, a manchete do dia. Um rapaz moreno, de gravatinha borboleta e olhos, ganhou a corrida para o aparelho e ouviu a informação:

— É de Ibiuna. Aconteceu um caso aqui. Uma desgraça. Desceu um disco voador, seus tripulantes raptaram um casal. Venham correndo.

O repórter pediu licença, cobriu o fone com uma das mãos e, virando-se para os colegas, falou com certa raiva na voz:

— Um gozador, gente. A essa hora, um cara falando de discos voadores e coisas que tais. Que digo a ele?

O pessoal ficou em suspenso. Depois, o mais velho

jornalista resolveu gozar o informante, mandou:

— Pergunte a ele se o disco é de 78 rotações ou 45. É o único jeito de acabar com esses trotes. Bronca não resolve, ele vai insistir.

O rapaz de gravatinha borboleta e olhos não aceitou a recomendação. Desligou sem mais conversa, chateado. Recomeçou o jogo. Também a leitura. O caso ia caindo no esquecimento quando houve outro aviso, igual ao primeiro. Desta vez, o veterano resolveu:

— Olha, turma, vamos avisar as redações. Afinal, não custa nada. De repente, com tanta coisa estranha acontecendo, vai ver que houve mesmo o tal rapto e entramos pelo cano. Pensam nas caras dos nossos chefes.

Houve o aviso, bem a tempo, já que o pessoal da rádio-escuta, nos jornais, tinha captado o noticiário de uma emissora, tratando do mesmo caso, com grande sensacionalismo. Depois disso, a única solução era ir a Ibiuna. Uma dezena de jornalistas, em várias viaturas, correu para lá.

74 QUILOMETROS DEPOIS

Hora e meia mais tarde, setenta e quatro quilômetros

distantes da Capital, o local da ocorrência. Havia neblina, densa, encobrindo o casario. Ninguém nas ruas. Os repórteres cercaram um taxi-mirim de São Roque. Dentro dele, o motorista e duas moças de São Paulo. Zé da Bronca, o volante, ficou surpreso com as perguntas sobre o disco voador:

— Bobagem, garotos. Estou trabalhando aqui desde a noite, não ouvi nada a respeito. Acho que foram enganados, tem de ser trote.

Ele engrenou uma marcha no carro e sumiu com a boca escancarada num sorriso. Restou ir para a Delegacia de Polícia, onde o soldado de plantão também começou a rir, incredulo:

— Que disco, nem vitrola. Andei nas ruas até o começo da madrugada. Ninguém me falou sobre isso. Agora, na semana passada, correram muitos boatos sobre seres estranhos, gente de outros mundos. Coisas bobas, de gente que não tem o que fazer.

Um pouco desiludidos, os repórteres saíram a passeio e acabaram num posto de gasolina. O vigia José Anastácio, de cinquenta e seis anos, começou a falar sério quando ouviu as primeiras perguntas:

— Soube do tal rapto. Mas, não aconteceu aqui. Foi no bairro do Feital, a quinze quilômetros. Fica retirado da cidade.

EM VEZ DE DISCO, COCEIRA

A próxima a falar é Maria Aparecida, funcionária de uma firma e cantora de rádio local, nas horas vagas. Diz, enquanto arruma os cabelos para sair na fotografia:

— Só mesmo com uma onda dessas para vocês aparecerem, não é? Que disco, nada. É invenção de alguém, desejo de promover Ibiuna. Mas, o que ninguém lembra de tratar é uma doença estranha que anda dando por aqui. Uma doença de pele, que começa coçando e depois vira ferida. E o nosso Posto de Saúde está sem médico, há três meses.

A mãe de Aparecida, dona Hilda, convida para um café e também crê que é tudo boato. Acha que, se tivessem de descer na terra, os marcianos — ou seja lá quem for tratariam de procurar lugar melhor. Sorri:

— Aqui, de estranho só houve estudante procurando um lugar para fugir da Polícia, durante aquele tal de congresso.

Há os que viram, mas poucos querem falar

Os repórteres da Sala de Imprensa da Central de Polícia resolveram voltar para São Paulo. Com mais senso do que estavam antes dos chamados telefônicos. Bem depois, jornais decidiram que valia a pena mandar outros para Ibiuna, levantar informações sobre os discos voadores e outros fenômenos que acontecem lá.

Esses souberam de muitas coisas. A primeira: objetos voadores, semelhantes a bolas de fogo, andam aparecendo nos morros em torno da cidade. Quem viu? Ora, gente direita, de juízo, estudo e mais o que quiserem. Os moradores desfiaram alguns nomes, das testemunhas:

— O senhor Elias Fleury, dono da Fazenda Bonanza, e diretor de uma firma importante de São Paulo. O senhor Gaze Azem Tufalle, advogado na Capital. Outro advogado, o senhor Sebastião Junqueira Vilella.

Difícil é conseguir conversar com eles. Ninguém quer publicidade, principalmente quando o assunto é disco voador. Temem o ridículo, a incompreensão. Por isso, o remédio, para os jornalistas, é conversar com os cerrespondentes e com os que trabalham no jornal local. Ali, chovem as informações:

— Tem alguma coisa acontecendo. Lá isso tem. Na Fazenda Bonanza, as bolas de fogo aparecem com frequência, várias vezes num mesmo dia. E ninguém pode falar mal das testemunhas. São pessoas idôneas, noramis, educadas. Gente incapaz de se promover num caso desses.

Outros nomes de pessoas que viram os fenômenos vão surgindo: Edgar Rosa, Sebastião de tal, Antonio Bina. Chega a vez de ouvi-los, eles contam que as tais bolas têm a forma circular, são luminosas, meio amarelas. Correm juntas, devagar, não produzem nenhum ruído. Edgar acha que é coisa natural, para ele, podem ser produzidas por emanções de gases de uma nascente de água radioativa.

Há quem fale em fogos fatuos e quem diga que o solo de Ibiuna tem propriedades minerais capazes de gerar aquele e outros fenômenos. Um comerciante assegura:

— Está acontecendo o mesmo que em Lins. Sabe-se que lá existem vastos depósitos de magnésio, que emanam gases no ar e entram em composição com outros elementos da natureza. Então, o clarão no ar é essa conversa boba de discos. Isso é fruto da imaginação popular.